

MANUAIS de CULTURA MORAL

COLEÇÃO INAYAT KHAN

I

Formação do Caráter
A ARTE DA PERSONALIDADE


TRADUÇÃO DO INGLÊS
POR
ELVIRA L. JERMANN

2.^a EDIÇÃO REVISTA
PELO
PROF. JOÃO CABRAL

RIO DE JANEIRO
1940



Formação do Caráter
A Arte da Personalidade



MANUAIS DE CULTURA MORAL

Coleção INAYAT KHAN

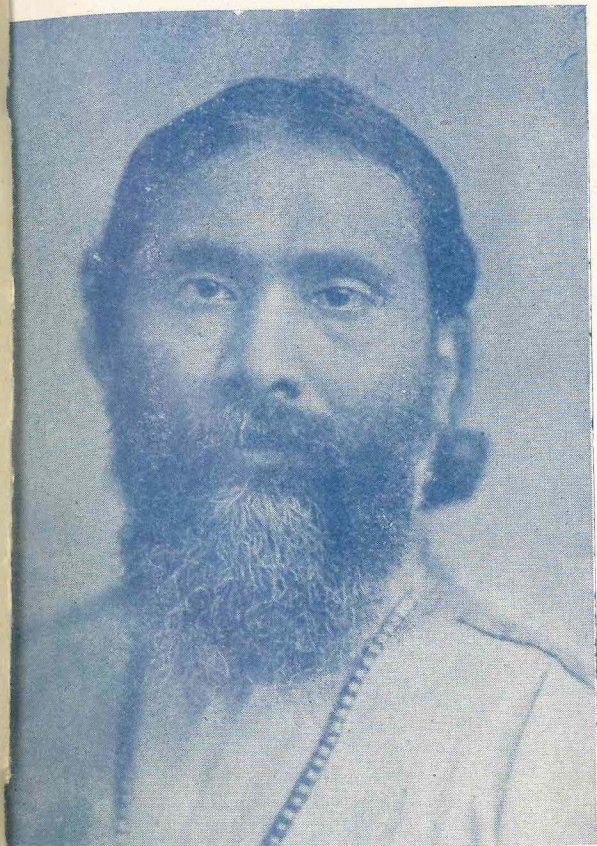
I

Formação do Caráter
A ARTE DA PERSONALIDADE

Tradução do Inglês por Elvira
L. Jarmann — 2.ª ed. revista
pelo prof. João Cabral

COEDITORIA BRASÍLICA
(Cooperativa)

RIO DE JANEIRO
1940



Inayat Khan

PREFACIO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

Esta edição brasileira das principais obras do famoso escritor indú Inayat Khan compreende uma série notavel de profundos estudos cobrindo todo o campo dos interesses humanos.

Inayat Khan nasceu em Baroda, Índia, em Julho de 1882. Foi não somente um poeta e soberbo musicista, como também um grande filósofo; e assim foi justamente considerado o mais brilhante sucessor do seu mais velho colega Rabindranath Tagore.

Pode ser com segurança afirmado que a muitos respeitos as obras de Inayat Khan sobrepassam as de seus colegas compatriotas, especialmente, no seu largo escopo filosófico, e inspiração espiritual.

Um caráter saliente, mesmo na sua juventude, possuía ele muitas qualidades extraordinárias, que se desenvolveram num verdadeiro gênio, durante a maturidade. Seu anseio pela verdade era insaciavel, e, sob a orientação dos

melhores preceptores e sábios da Índia, estudou ele os mais profundos sistemas de Filosofia e Misticismo Orientais. Seus poemas são gemas de original pensamento e suave beleza. Proclamado o mais inspirado musicista do seu tempo, compositor, interprete do Vina (antigo e original instrumento da Índia) e exímio cantor, muitos Príncipes e Rajás da Índia conferiram a Inayat Khan as suas mais altas condecorações.

Em 1910, viajou ele pela Europa e Norte-América, onde se exibiu em concertos e conferencias sobre Música Oriental, Pensamento Indiano e Religião, tendo sido então admitido a executar perante o Rei George V e o Csar da Rússia.

Na Assembléa Internacional de Musicistas reunida em Moscou, 1911, seu discurso a respeito dos mais profundos aspectos da Música obteve o elogio de Debussy, que assim se manifestou a Sibélius: "Lá onde a nossa música ocidental atinge o seu Zenite, aí começa a Música Orietnal de Inayat".

Morou na Inglaterra durante muitos anos, e foi uma vez apontado pela imprensa de Londres como "a figura mais nobre que jamais atravessara Bond Street". (Como se sabe, esta é a "Rua do Ouvidor" de Londres). Deu con-

ferencias nas cidades principais da Gran-Bretanha, e conquistou muitos adeptos para a sua filosofia.

Depois de visitar as principais metropoles da Europa, residiu em Paris até 1926, quando voltou á Índia. Foi nesses últimos anos que ele produziu suas maiores obras, e atingiu renome como o sábio mais santo e o filósofo mais místico do seu século. Seus livros foram publicados originalmente na Inglaterra, e têm sido já traduzidos em várias linguas européas.

A série das que nos propomos editar nesta coleção, em vernaculo, compreende:

- 1) Formação do Caráter. A Arte da Personalidade.
- 2) O Objetivo da Vida.
- 3) A Saúde.
- 4) A Educação.
- 5) A Cultura Moral.
- 6) O Mundo do Espirito.
- 7) A Vida Interior.
- 8) As Artes.
- 9) A Linguagem Cós mica.
- 10) O Misticismo do Som.
- 11) A Filosofia.
- 12) A Alma, de onde vem e para onde vae.
- 13) O Caminho da Iluminação.

- 14) *O Jardim das Rosas.*
- 15) *A Unidade das Idéias Religiosas.*
- 16) *O Vadan, ou A Sinfonia Divina.*
- 17) *O Gayan, ou A Música do Silencio.*

O nosso esforço, nesta parte da nossa vasta obra de cultura, de certo será bem recebido e compreendido pelo grande público da lingua nacional.

SHABAZ

Rio de Janeiro,

Julho, 1940

PREFÁCIO DO AUTOR

“Assim como a natureza toda é creada por Deus, assim também a natureza de cada individuo é creada por ele mesmo” (“Gayan”). Os Hindús chamaram á manifestação “o sonho de Brahma”. Que é sonho?

No sonho, entram em pleno jogo o pensamento e o sentimento, os quais se tornam inteiramente vividos.

Deste modo, a natureza do homem é a manifestação do seu proprio pensamento, como “a sua fisionomia é a imagem dos seus pensamentos”.

Nela se manifestam as impressões que ele recolhe.

Desde o começo, e durante a vida inteira, cada individuo crea sua natureza pelas impressões recolhidas e que se tornam seus atributos e qualidades. “A unica coisa que se crêa através da vida é a natureza do individuo” (“Gayan”).

O homem pôde fazer sua natureza tão bela quanto deseja.

"Uma personalidade encantadora é magnífica obra de arte, a que se adiciona vida" ("Gayan"). "Uma personalidade encantadora é grande riqueza". ("Nirtan"). Esse é o tesouro que o homem "acumula no céu", como disse Cristo. "Aqui começa o reino dos céus".

"A arte da personalidade torna o homem capaz, não sómente de se satisfazer a si mesmo, como também de agradar a Deus". (Arte da personalidade).

FORMAÇÃO DO CARÁTER

I

A força de vontade representa um grande papel na formação do caráter. E fraca se torna quando uma pessoa cede a qualquer pequena tendencia, inclinação ou capricho que tenha; e, quando uma pessoa combate qualquer pequeno capricho, tendencia ou inclinação, aprende a lutar contra si mesmo, e dessa maneira desenvolve a força de vontade. Toda vez que as inclinações, os caprichos e as tendencias de uma pessoa sobrepujam a sua força de vontade, então experimenta ela, na vida, a sensação de existirem diversos inimigos dentro de si mesma e acha difícil combatê-los.

Pois tendencias, inclinações e caprichos, quando poderosos, impedem a força de vontade de agir contra êles.

Si alguma coisa existe, que se possa chamar abnegação, é a prática da força de vontade, e,

por essa prática chegamos a adquirir, com o tempo, uma força, que se póde chamar — domínio de si mesmo. — Em pequenas coisas da vida diária, desprezamos esta consideração, por pensarmos assim: — “tais são *minhas* tendências, *meus* caprichos, *minhas* inclinações e, respeitando-os, respeito a mim mesmo; considerando-os, considero a mim próprio”. Esquecemo-nos de que aquilo, a que chamamos *meu*, *minha*, não é da propria pessoa; é aquilo que se quer que seja dela. Assim, na própria oração dos cristãos, está dito: “seja feita a Tua Vontade”, o que significa a Tua vontade obrando através de mim; por outras palavras: a minha vontade, que é a Tua Vontade, seja feita. Essa ilusão, de confundir o que possuímos, com o nosso proprio eu, é que gera, toda a ilusão e afasta o homem da compreensão de si mesmo. A vida é uma batalha contínua. O homem luta contra coisas extranhas ao seu espirito, e assim dá campo aos inimigos, que existem dentro no seu proprio ser. Por consequencia, a coisa mais necessária na vida é dar uma trégua aos cuidados exteriores, afim de preparar-se para a guerra, que se travará interiormente, no proprio espirito. Uma vez realizada a paz interior, obter-se-á força e poder suficientes para

serem empregados através a luta da vida exterior e interior. Ter pena de si mesmo é a peor pobreza. Quando uma pessoa diz: Tenho pena... disto ou daquilo, diminue a metade do seu valor antes de prosseguir, e o que ela disser mais esmorecê-la-á totalmente. No mundo, ha tanta coisa, de que nos podemos apiedar, e de que teríamos direito de ter pena; porém, si estamos preocupados sempre conosco, não temos tempo de voltar nosso pensamento para outrem no mundo. A vida é uma longa jornada, e, quanto mais para trás deixamos o nosso egoismo, tanto mais progredimos para a perfeição.

Na verdade, quando perdemos o falso Eu, descobrimos o Eu verdadeiro.

II

Na formação do caráter, o que mais se necessita aprender é o modo de encarar o mundo; o mundo onde se encontram pezares e dificuldades, prazeres e sofrimentos. E' muito difficil ocultá-los do mundo, tais sentimentos; ao mesmo tempo não se comprehende que uma pessoa prudente esteja a mostrar a todos, nem a cada momento, o que ela sente.

A pessoa vulgar, maquinalmente, resiste a influencias exteriores e impulsos interiores; e, desse modo, muitas vezes não pode tirar partido da música da vida.

Para um sábio, a vida é uma sinfonia, na qual tem ele de executar certa parte. Si alguém se sentisse tão desanimado que o coração lhe repercutisse notas mais graves e a vida requeresse, nesse momento, sons mais agudos, ele reconheceria uma falha na sinfonia justamente na ocasião, em que tivesse de executar a sua parte com segurança.

Essa é a prova, pela qual se pode distinguir a alma pueril da alma do ancião. A alma pueril dará livre curso a qualquer sentimento, ao passo que a alma do ancião ferirá a nota mais alta a despeito de qualquer dificuldade. Ha momentos em que o riso deve ser contido, e ha ocasiões em que as lágrimas devem ser afastadas. E aqueles que tenham chegado a esse gráu de poderem desempenhar eficazmente a parte que lhes couber neste drama da vida, esses têm poder mesmo sobre a expressã da própria fisionomia; podem até tornar suas lágrimas em risos, ou risos em lágrimas. Perguntar-se-á: "Não é hipocrisia deixar de ser natural?" E responderemos:

Ao contrario, aquele que tem controle sobre a propria natureza, é mais natural; não é somente natural, mas tambem senhor da natureza; aquele que não tem poder sobre a natureza, apesar de sua naturalidade, é fraco.

Alem disso, é preciso comprehender que a verdadeira civilização quer dizer arte da vida.

Que arte é essa? E' o conhecimento da música da vida.

Logo que uma alma tenha despertado para a contínua música da vida, essa alma considerará como sua responsabilidade, como seu dever, desempenhar seu papel na vida exterior,

ainda que seja isso contrário á sua condição interior, no momento.

E' preciso saber, em cada momento da vida diária que é que a vida exige de mim? Que me péde ela? Como responderei ás suas exigencias? Isso requer que se tenha despertado completamente para as condições da vida. E' preciso que se conheça introspectivamente a natureza humana, e que sejamos capazes de conhecer perfeitamente a nossa própria condição. Si alguém diz: "Eu sou como sou. Si sou triste, sou triste; si sou alegre, sou alegre"; não está bem assim. A terra mesmo não suportará aquela pessoa que não corresponder ás exigencias da vida. O céu não tolerará essa pessoa, e a esfera não acomodará quem não estiver apto a dar o que a vida lhe pede. Si isso fôr verdade, então é melhor que seja feito de bom grado, espontaneamente. Na orquestra, ha um regente e vários executantes; e cada um dêstes, no seu instrumento, ha de contribuir para uma execução perfeita. Si um músico fallar nessa execução, a culpa será sua.

O regente da orquestra não o atenderá, si o executante disser que não tocou bem por estar triste ou demasiadamente alegre. Não se importa o regente com essa tristeza ou alegria. Está se importando somente com a parte

que deve executar cada músico em toda a sinfonia. Esta é a natureza de nossas vidas. Quanto mais progredimos na parte que tomámos nessa orquestra, tanto mais efficientes nos tornaremos na execução satisfatória de nossa parte na sinfonia da vida. Que é necessario para nos tornarmos capazes de ter esse controle sobre nós mesmos? Devemos ter controle sobre nosso proprio íntimo, porque toda a manifestação exterior nada mais é do que a reação do estado interior. Por conseguinte, o primeiro controle, que se deve adquirir, é o controle sobre si mesmo, sobre o proprio íntimo, o qual se consegue fortificando a vontade, e tambem compreendendo melhor a vida.

III

Na vida quotidiana, durante a conversação e os atos, o que é mais necessário é ter controle sobre a maneira de falar ou de agir, porque, automaticamente, por um impulso interior, uma palavra ou outra, que nos escapa, ao depois achamos não deveria ter sido proferida, ou talvez pudéssemos dizer de outro modo. O mesmo acontece com a ação. A pessoa sente: "eu não deveria ter feito assim", depois de fazer alguma coisa, ou pensa: "eu deveria ter feito isso diferentemente"; mas, uma vez realizado isso, é demasiado tarde para agir de outro modo. Em nosso natural, existe certa pressa interior em nos exprimirmos; essa urgência de assim falar nos leva a deixarmos escapar a palavra antes que tenhamos tempo de pensar nela; e tudo isso mostra a carencia de controle sobre nós mesmos. E', tambem isso, um sinal de nervosismo. Muitas vezes, uma pessoa se esforça para responder a alguém,

que ainda não acabou de falar; dá-se a resposta antes de concluida a frase. Similhante resposta, dada a uma idéa incompleta, muitas vezes não é certa. O que acontece geralmente, em tais casos, é que, na vida, tomamos demasiado a sério tudo aquilo que nos chega de fóra e permitimos que as cousas e influencias exteriores, em nosso íntimo, penetrem mais profundamente do que é devido. Em tal modo, nos tornamos sensíveis demais, surgindo, então, o nervosismo.

Para se praticar o controle de si mesmo, em todas as cousas da vida quotidiana, o melhor é desenvolver, no caráter, certa soma de indiferença. Nem toda palavra, que se diz a alguém, deve ser tomada numa importancia tal que lhe transtorne todo o ser, perturbe o equilibrio mental, e prejudique a força de vontade. Ha cousas na vida quotidiana, que têm importancia, mas ha muitas outras que são insignificantes, e muitas vezes estamos prontos a attribuir-lhes uma força indevida. A independencia completa-se com a indiferença. Isto não quer dizer que não se deva prestar atenção ao que alguém diga ou faça; quer dizer somente que devemos distinguir as coisas importantes das insignificantes na vida diária; que todas as coisas necessárias e desnecessárias não devem

exigir de nós a mesma atenção, o mesmo pensamento ou sentimento. A economia politica tornou-se um assunto de educação, mas a economia espiritual, em religião, é a cousa principal. Tudo que se diz e faz, tudo que se pensa e sente, atua de certa maneira sobre nosso espirito. E' prudente evitar qualquer ocasião de perdermos nosso equilibrio. Devemos mantermos em paz, porem firmes contra todas as influencias que perturbam nossa vida. A nossa inclinação natural é para respondermos, em defesa própria, a qualquer ofensa, que nos venha de fóra, e perde-se com isso o equilibrio mental. Por conseguinte, o controle sobre si mesmo é a chave de todo êxito e de toda felicidade.

Alem disso, ha muitos que têm pressa e se sentem na obrigação de dizer ou fazer certas coisas, somente porque alguem lhes pede, e, assim, se tornam cada vez mais fracos; outros ha que reagem energicamente contra isso; e, neste caminho, ambos estão em erro. Aquele, que é capaz de conservar seu equilibrio sem se molestar ou perturbar, adquire essa autoridade, que é necessária na evolução da vida. Nenhum principio deve ser cegamente seguido.

A economia espiritual nem sempre é uma virtude, si perturba a harmonia, si de qual-

quer forma impede alguem de progredir, si o leva a um a condição peor.

Entretanto, é muitíssimo necessário conhecer a ciencia da economia espiritual, saber defender-se contra todas as influencias na vida diária, que nos vêm perturbar a tranquilidade e a paz da alma.

IV

E' uma coisa de máxima importancia, na formação do caráter, a pessoa tornar-se conhecida dos próprios vínculos, obrigações e deveres para com as outras pessoas, no mundo, e não confundir esse elo e conexão estabelecidos entre ela mesma e o outrem, com uma terceira pessoa.

Deve-se pensar que tudo que é confiado a alguém, por quem quer que seja, é por confiança própria, e corresponder com sinceridade á confiança de todos é um dever sagrado.

Deste modo, a relação harmoniosa se estabelece com qualquer pessoa; e a harmonia estabelecida com todos é que faz afinar a alma com o infinito. Requer um grande estudo sobre a natureza humana, além de tino especial, conservarmo-nos em termos harmoniosos com toda e qualquer pessoa. Si temos admiração ou rancor por alguém, é melhor exprimi-lo diretamente a esse alguém em vez de o propalar en-

tre muitos dos nossos conhecidos e relacionados.

Excetuando os amigos, mesmo entre relações comuns, tal consideração é necessária; devemos guardar cuidadosamente o ténue fio que une duas almas, qualquer que seja a sua estima ou capacidade.

“Dharma”, na lingua dos indús, significa religião, mas a significação verbal dessa palavra é dever. Isto nos sugere que a relação que entretemos com qualquer pessoa no mundo, é uma religião e, quanto mais conscienciosamente a seguimos, tanto mais elevado nos mostramos no seguir nossa própria religião (1). Guardar o segredo de nosso amigo, de pessoa de nossas relações, mesmo daquele com quem tivemos em tempo ressentimento, é o dever mais sagrado.

Aquele que assim compreende sua religião, jamais considerará direito contar a outrem qualquer ofensa ou agravo que de seu amigo tenha recebido. E' nisso que aprendemos a abnegação, sem jejuns e retiros no deserto. O homem cômico de seu dever, das suas obriga-

1) Não sómente na lingua dos Hindús. A própria palavra — religião — das linguas ocidentais, provinda do Latim, significa etimologicamente — estar ligado com outrem — **religo, religare, donde religio.**

ções para com seus amigos, é mais piedoso do que outro retirado no isolamento. Aquele que está na solidão não serve a Deus, serve unicamente a si, gozando o prazer da solidão; mas aquele que demonstra confiança em todos os seres que encontra, e considera suas relações e conhecimentos, pequenos ou grandes, como alguma coisa sagrada, observa certamente a lei espiritual dessa religião, que é a religião de todas as religiões.

Faltas? Todos nós as temos. Nós mesmos, nossos amigos e nossos inimigos, todos estamos sujeitos a elas. Aquele que deseja não sejam descobertas as próprias faltas, deve pensar necessariamente do mesmo modo para com o próximo. Si alguém sabe apenas o que é a relação da amizade entre uma e outra alma, a ternura dessa união, sua delicadeza, formosura e santidade, pôde gozar a vida em sua plenitude, porque esse está vivendo e, desse modo, algum dia ha de comunicar-se com Deus. Essa mesma ponte unindo duas almas é que, uma vez construída, se torna o caminho para Deus. Neste mundo, não ha maior virtude do que ser bom e sincero para com o amigo e ser digno de sua confiança. A diferença entre a alma ancian e a alma juvenil tem de ser encontrada neste particular principio. A alma juvenil tem co-

nhecimento apenas de si mesma e do que ela almeja, absorvida nos próprios prazeres e desgostos, obsedada pela sua continua mudança de humor. A alma ancian observa a relação entre ela e cada outra alma, satisfaz habilmente suas obrigações para com todos que conhece. Oculta as próprias feridas, si é que as tem, das vistas alheias, e tudo suporta para cumprir seu dever, com a máxima habilidade, para com todo mundo.

V

Sutileza de caráter é sinal de intelligencia. Si uma pessoa proceder corretamente, praticará o bem com essa riqueza de intelligencia, mas, si tomar uma direção erronea, poderá abusar dessa grande faculdade. Uma pessoa sutil por natureza, comparada a uma que não possui essa qualidade, é como o rio e a montanha. A pessoa sutil é tão ductil como a agua corrente, tudo que aparece deante dela nela se reflete tão claramente como a imagem na agua pura.

A pessoa parecida com a rocha, isto é, desprovida de sutileza, é semelhante á montanha, nada reflete. Muitos admiram a linguagem chan; isso, porem, é falta de compreensão da fina sutileza. Podem ser todas as coisas expressas por palavras? Não ha nada mais belo, mais sutil do que a palavra falada? Aquele que pode ler nas entrelinhas, faz de uma carta

um livro. Sutileza de percepção e sutileza de expressão insignias são do sábio. Sábio e tolo distinguem-se pela fineza de um e rudeza do outro. O homem carente de sutileza precisa que a verdade se transforme em pedra, e o sutil transformará a pedra em verdade.

Para adquirir conhecimento espiritual, receber inspiração, preparar o coração para a revelação interior, é preciso a pessoa esforçar-se por crear a propria mentalidade antes maleavel como a agua do que impenetravel como a rocha; pois, quanto mais prosseguir uma pessoa no caminho do mistério da vida, mais sutil deverá tornar-se afim de perceber e exprimir o mistério da vida. Deus é um mistério. Seu conhecimento é um mistério, a vida é um mistério, a natureza humana é um mistério; em resumo, no fundo de qualquer conhecimento está um mistério; assim da ciencia como da arte. Tudo que é mais misterioso é mais profundo. O que todos os profetas e mestres têm feito, em todos os tempos, é exprimir esse mistério em palavras, fatos, pensamentos e sentimentos; a maioria dos mistérios, porém, é por eles expressa em silencio. Porque, então, o mistério está no seu lugar. Fazê-lo baixar á terra, seria o mesmo que tirar um rei do seu trono e trazê-lo de rastro pelo chão; mas, per-

mitindo que o mistério permaneça no seu lugar, isto é, nas esferas silenciosas, é como que prestar homenagem ao Rei, a quem todas as honras são devidas. Aparte os mistérios da vida, nas pequenas coisas da vida diária, quanto menos palavras forem usadas, tanto mais proveitoso será.

Julgaes que maior número de palavras explica melhor? Não, absolutamente não. Demonstram somente nervosismo aqueles que dizem um cento de palavras para exprimirem uma coisa que, em duas, pode ser perfeitamente explicada; e, quanto ao ouvinte, é falta de intelligencia, si ele tambem necessita de muitas palavras para compreender o que pode igualmente ser explicado numa só.

Muitos pensam que mais palavras podem explicar melhor as coisas, mas ignoram que na maioria das vezes, quanto mais palavras são ditas tanto mais velada e obscurecida fica a idéia. No fim, a gente vae pela mesma porta por onde entrou.

Respeito, consideração, reverencia, bondade, compaixão e simpatia, espirito de perdão e gratitude, todas essas virtudes pódem ser melhor adornadas pela sutileza de expressão. Não é necessario exceder-se em agradecimentos. Uma palavra de reconhecimento é o bastante.

Não é preciso apregoar, "simpatiso com você, meu caro amigo!" Nem tão pouco tocar o tambor: "Eu perdoei alguém!" Tais coisas são belas, sutis, hão de ser sentidas; nenhum barulho pode exprimi-las; o ruido concorre apenas para estragar-lhes a beleza e tirar-lhes o valor. Nas idéias e nos pensamentos espirituais, a sutileza é mais necessária do que em qualquer outra coisa. Si uma pessoa espiritual tiver de levar suas idéias ao mercado, e discutir com uns e outros sobre suas crenças e descrenças, onde iria ela acabar? Que é que faz o homem espiritual harmonizar-se com toda gente no mundo? A chave, que ele possui, para a arte da conciliação, é a sutileza, tanto na percepção como na expressão. E' falta de franqueza, é hipocrisia ser sutil? Não, de forma alguma. Ha muitas pessoas que são desabridas, tão prontas a dizerem a verdade, quanto a martelarem a cabeça de outra, as quais orgulhosamente sustentam sua *franqueza*, dizendo: "Não me importa que isso ofenda ou irrite alguém, estou apenas falando a verdade". Si a verdade é tão dura quanto um martelo, nunca deve ser dita; ninguém no mundo poderia seguir tal verdade!

Onde está, então, essa verdade, que é pacificadora, que acalma, que é confortante para cada coração e cada alma; essa verdade, que

eleva a alma; essa verdade, que é creadora da harmonia e da beleza; onde está essa verdade? Essa verdade nasce na sutileza de intelligencia, no pensamento, na linguagem e na ação da delicadeza, que traz prazer, confôrto, beleza, harmonia e paz.

VI

Ha duas atitudes, que dividem o povo em duas secções: a primeira attitude é a de uma contínua queixa, e a outra a de um constante sorriso.

A vida é a mesma, chamem-na bôa ou má, certa ou errada; ela é o que é, não pode ser de outro modo.

Uma pessoa, para obter a simpatia de outras, e mostrar-lhes suas qualidades e, algumas vezes, mostrar-se mais intelligente, justa e com direito, lamenta-se. Queixa-se de tudo; de seus amigos, de seus inimigos, daqueles que ama e, muito mais, daqueles que ela odeia. Lastima-se desde pela manhã até á noite, e nunca têm fim suas lamentações. Isso pode estender-se de tal modo que, para ella, o tempo não é bom, o ar não é bom, a atmosfera não é bôa; ella é contra a terra e contra o céu, acha errado tudo que os outros fazem; finalmente, esse estado se desenvolve a tal ponto que a pessoa começa a desgostar-se das suas próprias obras, acabando por

se desgostar de si mesmo. Dessa forma, se revolta ela contra os outros, contra as condições e, finalmente, contra si própria. Não pensem que elle é um caráter raro de encontrar-se no mundo. E' um caráter que se encontra frequentemente e, por certo, aquelle que tem essa attitude é o peor inimigo de si mesmo.

O indivíduo com uma attitude correta de espirito chega a tentar fazer do torto direito, mas aquelle que tem uma attitude de espírito errada converterá até o direito em torto. Além de que, magnetismo é uma coisa necessária a toda alma; sua ausencia torna a vida penosa. A tendencia para ver tudo torto rouba-nos uma grande parte desse magnetismo, que é muitissimo necessário á vida. Pois a natureza da vida é tal que, por natureza, a existencia da multidão rejeita cada qual e aceita unicamente aquelles que entram na multidão com a força do magnetismo. Por outras palavras, o mundo é um lugar onde não se poderia entrar sem um passaporte, e esse passaporte é o magnetismo; aquelle que não o possuir será rejeitado em toda parte. Além disso, muita gente encontraremos sempre a queixar-se da saude. Pode haver uma razão, e algumas vezes uma razão bem pequena, de fáto demasiado pequena para que se mencione. Quando uma pessoa se acostuma a responder negativamente ao ser interrogada com simpá-

tia: "Como está?" de certo, alimenta ela dentro de si mesma, com a tendencia de se queixar, o germen da doença.

Neste mundo, a nossa vida cheia de limitações, e a natureza dos confortos e prazeres mundanos, tão variaveis e indignos de confiança; a falsidade que se encontra em tudo, e em toda parte, si nos puséssemos em attitude de queixa a respeito dêles, toda a existencia seria curta para deles nos queixarmos plenamente; cada momento da nossa vida decorreria cheio de lamentos. Mas o meio de sairmos disso é voltarmos a vista para o lado agradavel, para o lado brilhante de tudo. Especialmente aquelles que procuram Deus e a Verdade, para esses, ha alguma coisa mais, em que pensar; êles não precisam de saber quanto uma pessoa é má. quando pensarem nAquele Que está por trás dessa pessoa, nAquele Que está no coração dessa pessoa, então, olharão esperançosos para a vida. Quando virmos as coisas mal feitas, si pensarmos somente nisto, que atrás de todas as obras está Deus, Que é justo e perfeito, então, nos tornaremos com certeza mais confiantes.

A attitude de vêr tudo com um sorriso é sinal de alma santa.

Um sorriso dispensado a um amigo, um sorriso mesmo para um inimigo, vencerá final-

mente, pois essa é a chave do coração do homem.

Como a luz solar, do exterior, ilumina todo o mundo, assim a luz do sol do interior, si êle se levanta, ilumina toda a vida, apesar de todos os erros aparentes, apesar de todas as limitações. Deus é felicidade, a alma é felicidade, o espirito é felicidade. Não ha logar para tristezas no reino de Deus. Aquele que priva o homem da felicidade o priva de Deus e da Verdade. Póde-se começar a aprender como sorrir, apreciando cada pequenina coisa boa, que se ponha em nosso caminho durante a vida, e não prestando atenção a cada coisa má, que não gostamos de vêr.

Não nos deixemos perturbar demasiado por coisas desnecessárias na vida, as quais nada mais nos trazem do que desgosto. E, encarando a vida com uma atitude de espirito cheia de esperança, com uma perspectiva otimista, o homem terá força para transformar o errado em certo, e levar luz aonde tudo fôr treva.

Bom humor é vida, máu humor é morte. A vida atrae, a morte repele. A luz do sol, que vem da alma, surge através do coração, e manifesta-se no sorriso do homem, é realmente a luz do céu. Nessa luz, muitas flores crescem e muitos frutos amadurecem.

VII

O melhor meio de agir em todas as direções da vida, no interior de nossa casa, ou fóra, é agir silenciosamente; coisa, em que tão pouco pensa muita gente, e que é tão necessária para crear a ordem, a harmonia e a paz na vida.

Muitas vezes, uma pessoa faz pouco, e fala muito a respeito do que fez. Ao executar cada pequena coisa, fazemos barulho, e dessa forma, comumente, em vez de terminar a obra com êxito, atraímos dificuldades. A primeira coisa, que deve ser lembrada, na formação do caráter, é compreender o segredo e a feição da natureza humana. Precisamos saber que, no mundo, cada individuo tem o seu objetivo, seu próprio interesse e seu ponto de vista, e que está sempre ligado com o que é concernente a êle. Sua paz é perturbada quando queremos interessá-lo em objetivo de interesse nosso. Por mais próxima e querida que seja tal pessoa, si quizermos forçá-la ao nosso ponto de vista não lhe

será isso agradável. Pouquíssimos tomam isto em consideração; e desejam despejar os próprios embaraços e dificuldades sobre alguém, que próximo se encontra, pensando assim: "Todos têm o mesmo interesse que eu tenho no meu objetivo, e o mesmo ponto de vista", e que "todos ficarão contentes ouvindo minha historia".

Conta-se que alguém começou a falar de-ante de pessoa dele a pouco tempo conhecida a respeito de seus antepassados. E tanto falou, que esgotou inteiramente a paciência do ouvinte. Este, afinal, pôs termo á história, declarando á pessoa que lhe falava: "Si eu não me interesse em saber a história dos meus antepassados, que interesse posso ter em saber a dos seus?"

Ha muita gente que sente grande entusiasmo em contar a seus visinhos qualquer resfriado ou tosse que tenha; cada pequeno ganho ou perda, embora minimos, sentir-se-ia feliz em anunciar a toque de caixa e de corneta. Isso é uma qualidade infantil. Essa tendencia mostra uma alma de criança. Algumas vezes, essa tendencia amedronta os amigos e auxilia os inimigos. Quem trabalha com rumor realiza pouco, pois atrae, pelo barulho, mais dez pessoas para virem, intervirem e estragarem o

trabalho, que uma só pessoa poderia acabar com facilidade.

A turbulencia vem da inquietação, e a inquietação é o sinal de *tammás*, o ritmo destruidor. Aqueles que têm obtido algum êxito na vida, em qualquer direção, não o têm feito sinão devido ao trabalho silencioso. Em negócio, indústria, arte, ciencia, educação, política, em todas as direções da vida, o trabalhador sábio é o trabalhador quieto. Ele fala a respeito de qualquer coisa a seu tempo, nunca antes. Aquele que fala sobre uma coisa antes de terminá-la, é como uma cozinheira que anuncia as iguarias a toda a visinhança, antes de estarem prontas. Conta-se no Oriente uma história de um serviçal entusiasmado. O patrão estava com dôr de cabeça e disse ao creado que fosse á farmácia buscar um remédio. O creado pensou que não seria bastante buscar um medicamento á farmácia; marcou tambem uma entrevista com o médico e, de volta á casa, visitou a empreza funerária. O patrão perguntou: "Porque tanto demoraste; por que vens tão tarde?" O creado respondeu: "Mas eu arranjei logo tudo, meu senhor".

O entusiasmo é uma grande coisa na vida. E' creador e uma chave para o sucesso, mas, em demasia, algumas vezes prejudica.

Quanto mais sábia é uma pessoa, tanto mais gentil, polida, calma, em tudo que faz.

Gentilhomen, Cavalheiro, em Inglês — *gentleman* — é o homem calmo, polido, gentil.

Conta-se como fábula, que um burro se dirigiu a um camelo e disse-lhe: “Tio Camelo, sejamos amigos, vamos pastar juntos”. O camelo retorquiu: — “Menino, gosto de passeiar sozinho”. Acrescentou ainda o burro: — “Estou ancioso por acompanhá-lo, meu tio”. O pacato camelo consentiu, e partiram juntos. Muito antes do camelo acabar de pastar, já o burro tinha acabado, e estava ancioso por manifestar-se. Disse, então: “Tio camelo, eu gostaria de “cantar”, si isso não o incomoda”. O camelo respondeu: — “Não faças tal coisa, pois será terrível para nós ambos. Ainda não terminei o meu jantar”. O burro não teve paciência, não pôde conter sua alegria e começou a “cantar”. O lavrador, atraído pelo seu “canto”, veio com um bambú comprido. O burro deu o fora e toda a sóva cafu sobre as costas do camelo.

Quando, na manhã seguinte, foi outra vez o burro convidar o tio camelo, disse este: — “Estou muito doente, e as tuas maneiras são diferentes das minhas. De hoje em diante, separamos-nos”.

Ha esta grande diferença entre o individuo quiéto e o turbulento. Um é como o adulto amadurecido, o outro, como a criança inquieta. Um edifica, o outro destróe. O trabalho calmo deve ser praticado em todas as coisas. Fazendo muito barulho por nada, gera-se a comoção, o disturbio na atmosfera, atividade inutil, sem resultado algum. O barulho tambem se nota na tendencia á exaggeração, quando se quer fazer, de um monticulo de areia, uma grande montanha.

Modéstia, humildade, gentileza, doçura, todas essas virtudes se manifestam na pessoa que trabalha através da vida silenciosamente.

VIII

Ha uma coisa que pertence á natureza humana, e sua origem está na curiosidade; curiosidade essa, que produz o desejo de saber. Quando se abusa dessa tendencia, ela se desenvolve e se torna indiscreção.

E' curioso como a origem de todos os defeitos é uma tendencia bôa, e o abuso dessa tendencia bôa é o que a transforma em defeito. Se considerassemos quão pouco tempo havemos de viver neste mundo, veriamos quanto é precioso cada momento da nossa existencia, e que deveria ser empregado em coisas realmente bem aproveitaveis. Quando esse tempo é empregado na indiscreção de querermos saber da vida alheia, gastamos um tempo que poderia ter sido empregado para um fim superior. A vida tem tantas responsabilidades e tantos deveres, e ha tanto que se corrigir em nós mesmos; tanto que desfazer no que já fizemos, tanto em que cuidar nas próprias occupações, e re-

gularizar na vida, que esse desperdicio de tempo se assimilha ao caso de um intoxicado, que abandonasse todas as suas responsabilidades e deveres, para ocupar-se, empregar o espirito e encher os ouvidos com indiscreções.

O livre arbítrio nos é dado para atendermos os nossos proprios deveres, para realizarmos os nossos próprios objetivos, cuidarmos dos nossos próprios afazeres. Quando esse livre arbítrio se emprega na indagação das fraquezas, privações e faltas de outrem, certo é que se abusa do livre arbítrio.

Algumas vezes, a curiosidade provém do interesse que se tem na vida de outrem; mas, geralmente, é um vicio. A pessoa pode não ter interesse algum no assunto, e procurar apenas a satisfação de ouvir e inquirir o que diz respeito a outrem.

O conhecimento de si mesmo é o ideal dos filósofos; não o conhecimento da vida alheia.

Ha duas fâses no desenvolvimento do homem: uma quando ele indaga o que se refere ao próximo; a outra quando ele trata de si mesmo. Quando a primeira fâse cessou e a segunda teve início, então começa a jornada para o fim desejado.

Rumi diz: — “Não nos preocupemos com os outros, pois ha muito que pensar em nós mesmos”.

Além disso, não se deve mostrar a menor tendência de saber mais do que é devido, sendo isto uma prova de respeito para com as pessoas idosas, e também para com aquelas que desejamos considerar. Mesmo entre parentes próximos, como pai e filhos, quando se respeita o que é privativo de uns e de outros, dão todos, certamente, prova de grande virtude.

Desejar saber da vida alheia é, geralmente, falta de confiança. Quem confia não precisa descobrir o que está encoberto. Aquele que deseja desvendar alguma coisa, deseja descobri-la. Si alguma coisa ha que deva ser descoberta é, antes de tudo, o próprio ser. O tempo, que se desperdiça indagando da vida, das faltas e fraquezas de outrem, deveria ser justamente empregado em desvendar a própria alma.

O desejo de saber tem origem na alma. O homem deveria apenas discernir o que se precisa saber, o que é digno de ser conhecido. Existem muitas coisas, que não são dignas de interesse.

Quando a pessoa dedica o seu tempo e o seu pensamento procurando saber aquilo que não deve, perde a oportunidade, que a vida oferece, para descobrir a natureza e o segredo da alma, onde assenta a realização do objeto da vida.

IX

Devemos nos lembrar que o gosto pelo mexerico denota falta de nobreza no caráter. É muito natural, e entretanto é grande falta de caráter, acalantar a tendência de falar dos outros. Para começar, diremos que mostra grande fraqueza a pessoa, que faz reparos relativos a alguém, na sua ausência. Primeiramente, é contrário ao que se pôde chamar franqueza, e depois é julgar o próximo, o que é incorreto, segundo a doutrina de Christo, que diz: "Não julgueis os outros, para que julgados não sejais".

Quando alguém permite que essa tendência permaneça em si mesmo, desenvolve-se o gosto de falar dos outros. É um defeito, que existe comumente; e basta que duas pessoas com a mesma tendência se encontrem, para que se complete a intriga. Uma ajuda a outra; uma dá coragem á outra. E, quando alguma coisa é sustentada por duas pessoas, torna-se for-

çosamente uma virtude, ainda que o seja por aquele momento.

Quantas vezes o homem se esquece de que, dizendo mal de alguém na sua ausência, o diz entretanto na presença de Deus. Deus ouve tudo e tudo sabe. O Creador conhece tudo acerca de suas criaturas, de suas virtudes e de suas faltas. Ele fica descontente ouvindo maldizer de Sua Criatura, assim como não ficaria satisfeito um artista, ouvindo más observações, feitas por quem quer que seja, sobre sua arte. Embora reconheça ele o defeito de sua obra, ainda assim, preferiria ele mesmo descobri-lo, e não qualquer outro. Quando uma pessoa fala mal de outra, as palavras da primeira podem não atingir á segunda, seus sentimentos, porém, chegam até lá. Si esta fôr sensível, saberá que alguém a detratou; e, vendo a pessoa que a detratou, lê em seu rosto tudo quanto essa disse, desde que seja sensível e tenha olhar penetrante. Este mundo é uma casa de espelhos: o reflexo de um se reproduz no outro. Neste mundo, em que tantas coisas parecem ocultas, na realidade, nada permanece escondido, tudo, mais cedo ou mais tarde, vem á superfície e se manifesta á vista. Quão poucos neste mundo são os que sabem o efeito que causa, na personalidade de um indivíduo, dizer

mal de outrem, e qual a influencia que isso tem sobre a sua própria alma! O eu interior do homem, não sómente é como um zimbório, onde tudo que ele diz tem um éco, mas ainda esse éco é creador e produtor do que ficou dito. Todas as coisas boas e más na vida de uma pessoa, esta as desenvolve tomando nelas interesse. Os defeitos, que temos, enquanto pequenos, não se percebem e, assim, se desenvolvem até resultarem num vexame. A vida é tão preciosa, e tanto mais valor tem, quanto mais prudentes nos tornamos; e cada momento da vida pôde ser empregado para um fim muito superior.

A vida é uma oportunidade e, quanto mais nos compenetrarmos disso, mais tiraremos proveito dessa oportunidade, que a vida nos oferece.

X

O espírito de generosidade, em seu natural, constroeu um caminho em direção a Deus, porque generosidade é expansão própria, é espontaneidade; seu natural é dirigir-se para um horizonte largo.

A generosidade, portanto, pode ser chamada a caridade cordial. Não é necessário que se mostre sempre o espírito de generosidade pelo dispendio de dinheiro; ele se pode apresentar nas pequenas coisas. Generosidade é uma atitude que se mostra em cada pequena ação que se pratique para com as pessoas, em cujo contacto estamos diariamente na vida. Pode-se mostrar generosidade por um sorriso, por um olhar amavel, um caloroso aperto de mão, batendo-se no hombro do mais inexperiente, como sinal de encorajamento, mostra de apreço, expressão de afeto.

Pode-se mostrar generosidade reconciliando camaradas, dando-lhes as boas vindas, ou despedindo-se de um amigo. Em pensamento, em palavras e ações, de qualquer maneira e

fôrma, se pode mostrar esse generoso espírito, que é sinal de piedade. A Bíblia fala de generosidade empregando a palavra caridade; mas si eu tivesse de dar uma interpretação á palavra generosidade, chama-la-ia de nobreza.

Nenhuma linhagem, posição social, ou poder, consegue provar que alguém é nobre; verdadeiramente nobre é aquele que é generoso de coração.

Que é generosidade? E' nobreza, é expansão cordial. A' medida que se expande o coração, assim o horizonte se torna largo, e achamos cada vez maior espaço, para nêlo construirmos o reino de Deus.

Depressão, desespero, e toda maneira de aborrecimentos, vêm da falta de generosidade. Donde provém o ciúme? Donde provém a inveja, o sofrimento do coração? Tudo isso provém da carencia de generosidade.

O homem pode não ter um vintem sequer, no entanto pôde ser generoso, pode ser nobre, si tiver unicamente um grande coração de sentimentos amistosos. A vida, neste mundo, nos oferece toda oportunidade, seja qual fôr a nossa posição, para mostrarmos que temos algum espírito de generosidade.

A falsidade, a inconstancia da natureza humana, de lado a inconsideração e a falta de

atenção, da parte daqueles com os quais nos encontramos, e, ainda mais, o egoísmo e o espírito de avareza e de usurpação, que nos perturba, e atormenta a nossa alma, tal situação é, por si mesma, uma prova, e uma experiência, pela qual tem de passar cada alma, na vida terrestre; e, quando, através dessa prova e experiência, alguém se conserva fiel ao princípio de caridade, e passa avante, rumo do seu destino, não permitindo às influencias, que vêm dos quatro cantos do mundo, esbarrá-lo na sua jornada para a méta final, esse alguém acaba por se tornar senhor da vida, mesmo si, ao fim do seu destino, não fôr deixada uma só moeda terrestre, em seu nome. Não é a riqueza terrestre que torna o homem rico. A riqueza vem com o descobrimento da mina de ouro que está oculta no coração humano, da qual provém o espírito de generosidade.

Alguem perguntou ao Profeta qual a maior virtude, si a da alma piedosa, que reza continuamente, si a do viandante que viaja para fazer a sagrada peregrinação, si a daquele que jejua dias e noites, ou, ainda, si a daquele que aprende a Santa Escritura, de cór. — “Nenhuma delas — respondeu o Profeta — é tão grande quanto a daquele que, através da vida, mostra caridade no coração”.

A ARTE DA PERSONALIDADE

I

E' uma coisa ser homem, e outra coisa, ser uma pessoa, um homem, pelo aperfeiçoamento da individualidade, na qual está oculto o objetivo da vinda do homem á terra. Os anjos foram creados para cantar louvores ao Senhor; são gênios para imaginar, sonhar, meditar; mas o homem é creado para mostrar, caracterizar a humanidade.

E' isso que faz dêle uma pessoa. Ha muitas coisas dificeis na vida; a mais difficil de todas, porém, é aprender, conhecer e praticar a arte da personalidade. A natureza — dizem — é creada por Deus; e a arte, pelo homem; porém, verdadeiramente falando, na formação da personalidade, é Deus, Que finaliza a sua divina arte.

Não é o que Christo ensinou que faz com que os seus devotos o amem; eles, em vão, discutem sobre tais coisas; o que o torna amado é o que Ele próprio foi. E' por isso que é amado e admirado por seus devotos.

Quando Jesus Christo disse aos pescadores: — “vinde a mim, Eu vos ensinarei a ser pescadores de homens”, que significa isso? Quer dizer: “Eu vos ensinarei a arte da personalidade, a qual se tornará uma espécie de rêde neste mar da vida”; pois que todo coração, seja qual fôr o seu gráu de evolução, atraído será pela beleza da arte da personalidade. Que busca a humanidade noutra pessoa, que espera o homem de seu amigo? Deseja-o rico, de posição elevada, muito poderoso, possuidor de qualidades maravilhosas, de grande influencia, mas, além disso e acima de tudo, ele espera encontrar, em seu amigo, as qualidades humanas, que são a arte da personalidade. Si, a seu amigo, faltar essa arte, todas as supraditas coisas serão de pouca utilidade e de mínimo valor para êle.

— Como podemos aprender tal coisa? —
perguntar-nos-ão.

Aprendé-mo-la pelo nosso amor á beleza, em todos os seus vários aspectos.

O artista aprende sua arte admirando o belo.

Quando uma pessoa consegue um profundo conhecimento da beleza, então aprende a arte das artes, que é a arte da personalidade. O homem pôde possuir mil títulos, posição ou condições sociais, todos os bens da terra; mas, si lhe falta a arte da personalidade, é realmente pobre.

E' por essa arte que o homem denota nobreza, essa nobreza, que pertence ao reino de Deus.

A arte da personalidade não é um título honorífico. E' o fim para o qual o homem foi creado, e que o conduz a esse objetivo, no cumprimento do qual está sua inteira satisfação. Por essa arte o homem, não só se satisfaz a si mesmo, como agrada também a Deus. Essa peça fantastica é representada na terra para gozo daquele Rei do Universo a Quem os Hindús chamaram Indra, perante o Qual Gandharvas cantam e Apsaras dansam (1). A interpretação dessa história é que toda alma se destina a dansar na côrte de Indra. Aprender a dansar

1) Gandharvas, na mitologia hindú, são cantores ou músicos dos deuses, morando geralmente no céu, ou atmosfera. Apsaras, em Sanscrito, quer dizer movendo-se nas águas. São, na mesma mitologia, ninfas ou dansarinas da corte celestial de Indra.

perfeitamente na côrte de Indra é, a bem dizer, a arte da personalidade. Aquele, porém, que diz: — “Mas como posso dansar? Eu não sei dansar”. Esse contraria o seu destino, pois nenhuma alma é creada para ficar de lado e olhar. Cada alma é creada para dansar na côrte de Indra. Aquela que se recusa mostra certamente ignorancia relativa á grande finalidade, para a qual a peça toda é representada no palco da terra.

II

A gratidão no caráter é como o perfume na flôr. Qualquer pessoa, embora inteligente e habil no trabalho da vida, si lhe falta a gratidão, balda se acha da beleza de caráter, que torna atraente a personalidade. Ao mínimo ato de bondade praticado para conosco, si correspondermos com apreço, dessa maneira, desenvolveremos esse espírito em nossa natureza; e, aprendendo isso, nos elevamos ao ponto, em que principiamos a compreender a bondade de Deus para conosco, pela qual nunca poderemos ser bastante gratos á sua divina compaixão.

O grande poeta entre os Sufis, Sáadi, ensina ser a gratidão o meio de atrair sobre nós os favores de Deus, o perdão e a graça, nos quais está a salvação de nossas almas.

Ha muita coisa na vida, por que nos podemos mostrar gratos, apesar de todas as suas dificuldades e perturbações. Diz Sáadi: — “O

sol e a lua, a chuva e as nuvens, tudo se ocupa em preparar vosso alimento, portanto, é realmente injusto que não apreciéis isso com agradecimento". A bondade de Deus é coisa que se não pode aprender de uma vez; é preciso tempo para compreendê-la. Mas pequenas gentilezas, que recebemos daqueles que nos cercam, essas nós podemos conhecer e, si quisermos, podemos ser gratos por isso. Desse modo, o homem desenvolve a gratidão no seu natural, exprime-a nos seus pensamentos, nas suas palavras e ações, como forma perfeita da beleza. Emquanto alguém pondera e diz: "o que fiz por você", e "o que fez você por mim"; e, "como tenho sido bom para você", e "como tem sido você bom para mim", perde seu tempo discutindo sobre o que é inexprimível em palavras; além de que, fecha com isso a fonte de beleza que brota do imo do nosso coração. A primeira lição, que podemos aprender no caminho do reconhecimento, é esquecer absolutamente o que fazemos por outrem; lembrar-nos somente do que outrem haja feito por nós. Em toda a extensão da jornada, no caminho espiritual, a coisa mais importante a ser realizada é o esquecimento do nosso falso ego, e, desse modo, podemos chegar algum dia á compreensão desse Ente a Quem chamamos Deus.

Conta-se que um escravo chamado Ayaz foi trazido com outros nove á presença de um rei, afim de que este escolhesse um deles para o seu serviço pessoal. O sábio rei pôs na mão de cada um dos dez um copo de vinho e ordenou-lhes que o lançassem por terra. Cada qual obedeceu á ordem. Então, o rei perguntou a cada um deles: — "Porque fizeste semelhante coisa?" Nove responderam: — "Porque Vossa Magestade assim mo ordenou". Pura verdade, verdade nua e crúa. Chegando, porém, a vez do décimo, Ayaz, disse este: — "Perdoai-me, Senhor, sinto-o muito". Porquanto pensou que, dizendo ao rei: "Porque Vossa Magestade assim mo ordenou", nada de novo lhe diria, o rei bem o sabia, já que aquela fora a sua ordem. Essa resposta cativou o soberano, que assim o escolheu para o seu serviço pessoal.

Pouco tempo depois, Ayaz ganhou o crédito e a confiança do rei, que lhe confiou seu tesouro, o tesouro no qual preciosas joias se achavam incluídas.

Pela súbita ascensão de Ayaz, de escravo a tesoureiro do rei, houve muitos invejosos. Assim que o povo soube que ele tinha adquirido tal posição, começou a contar numerosas histórias a seu respeito, afim de o levar ao descrédito. Uma delas foi que Ayaz ia diaria-

mente ao quarto onde se achavam as joias trancadas no cofre, e que as vinha roubando todos os dias, pouco a pouco. O soberano respondeu: — “Não, não posso acreditar em semelhante coisa; quero provas”. Logo que Ayaz entrou no quarto, trouxeram o rei e fizeram-no ficar de pé onde havia uma pequena abertura dando para o interior. E o rei viu o que lá se passava: Ayaz entrou no quarto, abriu a porta do cofre. E que tirou ele dali? As roupas velhas, esmulambadas, que ele usára enquanto escravo. Beijou-as, apertou-as contra os olhos, e colocou-as em cima da mesa. Queimou-lhes incenso e aquilo que ele estava fazendo era como coisa sagrada, para ele. Em seguida, vestiu as roupas e mirou-se no espelho, dizendo para si mesmo, como si fosse uma prece: — “Ouve, Ayaz, vê o que já foste um dia. Foi o rei quem te fez, quem te confiou o encargo desse tesouro. Assim olha este dever como o teu depósito mais sagrado e essa honra, como privilégio teu, de amor e de bondade, que te confere o rei. Reflete que não foi o teu mérito que te elevou a tal posição. Reconhece que foi a grandeza, a bondade e a generosidade do rei, que fechou os olhos a tuas faltas e te concedeu este lugar e esta posição, pelos quais agora estás sendo honrado. Por conseguinte, nunca te es-

queças do teu primeiro dia, daquele em que chegaste a esta cidade; e a lembrança desse dia é que te conservou na altura conveniente”. Logo depois, tirou as roupas, colocou-as no mesmo lugar de segurança, e saiu. Ao retirar-se, que viu Ayaz? Viu que o rei, ante o qual se inclinava ele, o esperava ansiosamente para dar-lhe um abraço e dizer-lhe: “Que lição me deste, Ayaz! Esta é a lição que nós todos precisamos aprender, seja qual fôr a nossa posição. Porque, diante daquele Rei, em cuja Presença todos somos escravos nada nos pôde fazer esquecer o auxílio, pelo qual fomos engrandecidos, elevados e trazidos á vida para obrar, compreender e viver uma vida jovial. Disseram-me que tinhas roubado joias da nossa tesouraria, mas, aqui vindo, achei que roubaste meu coração”.

III

Todo impulso tem sua influencia na palavra e na ação. Por isso, naturalmente, cada impulso exerce todo seu poder através de palavras e ações, a não ser que seja reprimido. Ha dois tipos de pessoas: aquelas que adquiriram o poder de conter suas palavras e ações, quando estas exercem toda a sua força e se exprimem por si mesmas, abruptamente; e aquelas que, mecanicamente, permitem esse curso natural do impulso por demonstrar-se a si mesmo em suas palavras e ações, sem lhe prestar a menor atenção. O primeiro tipo, é, por conseguinte, delicado, e o último rude. A delicadeza é a principal coisa na arte da personalidade. Póde-se ver quanto a delicadeza age como fator principal em qualquer arte. Na pintura, no desenho, em linhas e côres, é a delicadeza o que mais atrae nossa alma. Veremos o mesmo

na música. Um músico pode ter aptidão suficiente para tocar com agilidade, e pode conhecer toda a técnica; mas o que produz beleza é a sua delicada execução.

Na delicadeza está, principalmente, todo o apuro. Mas donde provém isso? Da ponderação, e esta é praticada pelo domínio de si mesmo. Existe um proverbio em lingua hindostanica: "Quanto mais fraca a pessoa, tanto mais pronta a zangar-se". A razão é que ela não tem domínio algum sobre seus nervos. E', geralmente, essa falta de controle sobre si mesmo que produz a falta de delicadeza. Não ha dúvida que se aprendem boas maneiras polidas pela ponderação. Devemos aprender a pensar antes de falar ou agir. A par do que devemos dizer ou fazer, não devemos esquecer a idéja do belo. Devemos saber que não é bastante falar ou agir, mas necessário se torna que falemos e façamos cada coisa belamente. O progresso das raças e nações exprime-se pela delicadeza. Nações, raças, bem como indivíduos, mostrarão atrazo em sua evolução, desde que se mostrem falhos de gentileza. Nas condições atuais do mundo, parece que a arte da personalidade tem sido muito descuidada. O homem, intoxicado com a vida de cupidez, e com o espirito de competição ora existente, acor-

rentado pelo comercialismo da época, fica atarefado na aquisição do que lhe é necessário para viver, dia a dia, e deixa de enxergar a beleza, que é o de que precisa a alma. O interesse do homem em todas as coisas da vida; ciência, arte, filosofia, ficam incompletas sem a arte da personalidade. Quanto acertada é a distinção feita na língua inglesa: — “Man and gentleman” (1)!

1) O autor, com o ditado inglês, quis dizer que homem comum, ordinário, e homem gentil, educado. Buscando a consonância, em nossa língua, poderemos dizer — uns são grosseiros, outros, cavalheiros.

IV

Ha uma tendencia oculta no impulso humano, a qual pôde ser chamada — tendencia persuasiva. Ela pôde se manifestar em forma rude, ou em forma polida. No primeiro aspecto, é um erro, e no ultimo, um defeito. Quando se expressa rudemente, o indivíduo insiste com o outro para concordar com ele, escutá-lo, ou fazer o que ele quizer, debatendo, insistindo e tornando-se desagradavel. As vezes, tal pessoa, pela força de vontade ou por sua melhor posição na vida, consegue o que deseja. Isso lhe dá coragem para continuar com o mesmo processo, até que topa um resultado negativo, do seu método, si é que algum dia o encontra. O outro meio de persuadir é um meio suave, fazendo pressão na bondade, benevolencia e polidez de alguém, esgotando-lhe assim a paciencia, e pondo em prova sua simpatia até o fim. Por esse meio, as pessoas conseguem, no momento, o que desejam alcançar, mas, ao final, o que resulta é a contrarie-

dade para todos aqueles que foram experimentados pela tendencia persuasiva daquelas pessoas. Não mostra isso que realizar qualquer coisa não é tão difficil quanto respeitar os sentimentos dos outros? E' tão raro encontrar neste mundo uma pessoa que tenha consideração pelos sentimentos de outrem, mesmo sacrificando a realização de seus próprios desejos. Cada um procura liberdade, mas para si próprio. Si ele pensasse o mesmo em relação a outrem, tornar-se-ia um verdadeiro franco-mação.

A tendencia persuasiva mostra, sem duvida, grande força de vontade, e especula com a fraqueza dos outros, que se rendem e cedem a isso, devido ao amor, á simpatia, bondade, amabilidade e polidez. Mas ha um limite para todas as coisas. Chega o momento em que o fio se parte. Um fio é um fio; não é arame feito de aço. Êste mesmo se parte, quando é puxado com muita força. Nem todos compreendem a delicadeza do coração humano. O sentimento humano é demasiadamente sutil para a percepção comum. A que se assimilha uma alma que desenvolve sua personalidade? Não se assimilha á raiz, ou ao tronco da planta, nem tão pouco aos galhos, ou ás folhas; ela é semelhante á flôr; á flôr, com sua fragrancia, suas côres e delicadeza.

V

Toda manifestação é a expressão desse espírito do Logos, que os Sufis chamam Kibria (1). Êste espírito se manifesta através de cada sêr, em forma de vaidade, orgulho ou amor-próprio. Si não fosse por êste espírito, que trabalha em cada sêr como o têma central da vida, não existiria o bom nem o mau, não haveria grande nem pequeno.

Todas as virtudes e todos os vícios promanam dêsse espírito.

A arte da personalidade é cortar as arestas agudas dêsse espírito de vaidade, que fere e perturba aqueles que encontramos na vida. A pessoa que diz: "Eu", quanto mais fala sobre isso, tanto mais perturba a imaginação dos seus ouvintes.

1) O termo Logos foi aplicado a Jesus Christo no prólogo do Evangelho de S. João. Quer dizer — a palavra, o espirito divino, o agente de Deus na Creação. Corresponde à Sabedoria dos Judeus, e ao Kibria dos hindús.

A vaidade expressa rudemente chama-se orgulho; expressa decentemente, se denomina vaidade. Muitas vezes, somos educados na polidez e aprendemos a linguagem e maneiras polidas; todavia, si existe esse espírito de vaidade, pronunciado, apesar de todas as boas maneiras, e belezas de linguagem, aparece ele e se faz sentir no pensamento, nas palavras ou nos átos do indivíduo gritando: "Sou eu, sou eu!" Si o indivíduo se conservar mudo, sua vaidade manifestar-se-á na expressão do olhar. E' ele uma das coisas mais difíceis de suprimir e dominar.

A luta dos expertos na vida não é tão grande como as paixões e emoções, que, mais cedo ou mais tarde, com maior ou menor esforço, pôdem ser contidas, mas a vaidade, — esta sempre vai crescendo. Si lhe cortamos a haste, cerce, não mais viveremos, porque ella é o próprio indivíduo, é o Eu, o *ego*, a alma, ou Deus em nosso interior; sua existencia não pode ser negada, mas a luta contra ella embelezta mais e mais, e torna mais toleravel, aquillo que em sua forma primitiva, é intoleravel.

A vaidade pôde ser comparada a uma planta mágica. Si alguém a vir crescendo no jardim como planta espinhosa, e a cortar, ella crescerá noutro lugar, no mesmo jardim, como

arvore frutifera; e, si a cortarem fóra, surgirá ella ainda, noutro lugar, e no mesmo jardim como fragrante roseira. Ella existirá precisamente a mesma, porém numa forma de maior beleza, que trará felicidade para os que nella tocarem.

Por conseguinte, a arte da personalidade não ensina a desarraigá a semente da vaidade, a qual não pode ser desarraigada emquanto o homem vive, mas a sua rude apparencia exterior deve ser destruida, afim de que, depois de morrer várias mortes, aquella se possa manifestar como a planta dos desejos.

VI

O fator dignidade, que, noutras palavras, podemos chamar respeito próprio, não é uma coisa, que se deva desprezar, quando consideramos a arte da personalidade. Mas surge a pergunta: "Qual é êsse princípio, e como deve ser praticado?" E a resposta só pode ser que toda e qualquer maneira de leviandade e tendência para frivolidade tem de ser estirpada do nosso natural, para mantermos essa dignidade, que é preciosa para cada um de nós. Aquele que não lhe dá importancias, não precisa preocupar-se com ela. O que dizemos é unicamente para aqueles que vêm algo no respeito próprio. A pessoa que se respeita a si mesma será respeitada pelos outros, mesmo que se não leve em conta seu poder, suas posses, posição, ou colocação social. Em qualquer posição ou situação na vida, essa pessoa imporá respeito.

Surge, então, a pergunta: "A leviandade tem algum lugar na vida, ou não é absolutamente, necessária na vida?" Tudo é necessário, porém cada coisa tem seu tempo. A dignidade não está em mostrar-se o rosto severo; o respeito não está em franzir a testa, em mostrar-se carancudo; pela altivez de porte não mostramos ter honra; a dignidade não está em ser triste ou acabrunhado; consiste unicamente em repartir a atividade pelo tempo adequado.

Ha ocasiões para hilaridade, e outras, para seriedade. A pessoa que ri constantemente faz perder-se a força do seu riso; aquela que é sempre leviana, deixa de impôr o necessário respeito, na sociedade. Além disso, a leviandade, ás vezes, faz com que ofendamos outros, sem o querermos.

Aquele que não tem respeito para consigo mesmo, não o tem para com os outros. Póde pensar, no momento, que é indiferente ás convenções, e livre nas suas expressões e no sentimento; mas não sabe que isso o torna tão leve quanto um farrapo de papel, movendo-se daqui para ali, no espaço, batido pelo vento. A vida é um mar; e, quanto mais para além se viaja no mar, tanto mais seguro deve ser o navio. Assim, neste mar da existencia, para que um homem prudente possa vencer na vida,

se exige uma certa soma de ponderação, que dá equilíbrio á personalidade. A prudencia dá essa ponderação; a ausencia dela é marca de insensatez. O cántaro cheio dagua é pesado; a ausencia dagua no cántaro é que o torna leve, assim como o homem sem prudencia se torna vasio, futil.

Quanto mais se estuda e compreende a arte da personalidade, tanto mais se acha que ela é o enobrecimento do caráter, que progride para o objetivo da criação.

As diferentes virtudes, maneiras aprimoradas e belas qualidades são todas manifestações da nobreza de caráter.

Que é, porém, nobreza de caráter? E' o lance de vista largo, que tudo abrange.

VII

Uma pessoa de pensamentos nobres mostra, como coisa natural em seu caráter, a estima de sua palavra, que é chamada a palavra de honra. Para essa pessoa, sua palavra é como si fosse ela propria; e isso pode chegar a tal ponto que até a própria vida será sacrificada por essa palavra. Uma pessoa que chegou a esse gráu, não está longe de Deus, pois na Escritura se lê frequentemente: "Si quizerdes vêr-Nos, vêde-Nos em nossas palavras". Si Deus pode ser visto em Suas palavras, a alma verdadeira também pode ser vista na sua. Prazer, desgosto, doçura, amargura, honestidade e deshonestidade, tudo isso pode observar-se nas palavras que o homem diz; porque a palavra é a expressão do sentimento. E que é o homem? O homem é o seu próprio pensamento e sentimento. Assim, que é a palavra? E' a expressão do homem, a expressão de sua alma.

O homem, cuja palavra nos pôde servir de garantia, esse é o homem de confiança. Ne-

nhuma riqueza neste mundo pode ser comparada á palavra de honra. Um homem que diz o que pensa prova, com essa virtude, espiritualidade. Para quem preza a verdade, voltar atrás em suas palavras, é peor do que morrer, pois é retroceder em vez de progredir. Toda alma caminha e progride para a sua méta e a pessoa, que realmente caminha para a frente, demonstra-o em suas palavras. Nos tempos de agora, quando são necessários tantos tribunais e tantos advogados, obrigando á manutenção de inúmeras prisões, que dia a dia mais florecem, vemos em tudo isso a demonstração da falta daquela virtude a que sempre deram valor os nobres de pensamento, desde o princípio da civilização; porque, nessa qualidade, mostra o homem a sua virtude humana, qualidade que não pertence aos animais, nem se atribue aos anjos.

Que é religião? Religião, no verdadeiro sentido da palavra, está acima de qualquer explicação. E' um fio ténue, delicado ao tacto, pois é sobre modo sagrado para ser tocado. E' o ideal, que pode ser poluido, si fôr tocado; e que pode ser encontrado na sensibilidade, que, por outras palavras, pode ser chamada espiritualidade, respeito à palavra.

Muitos, neste mundo, têm vivido através de sacrifícios; dôres e sofrimentos lhe têm sido inflingidos, mas unicamente para pôr-se em prova a sua virtude quanto á palavra; pois cada virtude tem de ser submetida ao fogo de uma prova. Quando se afirma a si mesma pela experiencia ela se torna uma sólida virtude. Isso pôde ser praticado em cada pequena coisa, que se faça, na vida quotidiana. Uma pessoa que diz agora uma coisa e, daí a pouco, outra coisa, começa a desacreditar se até perante o seu próprio coração. Os grandes homens, que têm vindo á terra de tempos a tempos, e que têm mostrado muitas grandes virtudes, entre eles, essa virtude tem sido a mais pronunciada. Mahomet, antes de apresentar-se ao mundo como profeta, era chamado Amin, por seus companheiros, o que significa digno de confiança.

A história de Haris Chandra é conhecida pelos Indús, através dos séculos; o exemplo dado por ele gravado está no pensamento da raça inteira.

A história de Hatim, um Sufi entre os adeptos de Zoroastro, foi uma grande inspiração para o povo da Persia.

Em qualquer parte do mundo, e em qualquer época, entre os pensadores e os idealistas, a palavra de honra será apreciada no maximo.

VIII

Existe, mais ou menos, em cada alma, um senso e uma tendencia para economizar; e, quando essa tendencia atua com aqueles que nos cercam, e com quem estamos em contacto, desenvolvemos a propria personalidade. O desejo de poupar a outrem a sua paciencia, em vez de submetê-la á uma prova extrema, é a tendencia de economia, uma elevada compreensão de economia. Procurar poupar a quem quer que seja o emprego de sua energia, em relação ao pensamento, á palavra e á ação, é preservar-lhe a energia, e acrescentar beleza á nossa própria personalidade. Uma pessoa disse ignorante, com o tempo, se torna um estorvo para os outros. Póde ser inocente, mas pode tornar-se um tormento, porque não tem consideração para com a própria energia, nem pensa na dos outros. Esta consideração aparece no individuo desde que ele começa a compreender o valor da vida. Assim que ele começa a conside-

rar este assunto, poupa a si mesmo desnecessários pensamentos, palavras e ações e passa a usar economicamente os próprios pensamentos, palavras e ações; e, dando valor á própria vida e ás próprias ações, aprende a valorizar as dos outros. O tempo da vida humana sobre a terra é o mais precioso, e, quanto mais se pratica o emprego economico do tempo e da energia, que é o mais precioso, tanto mais se aprende a fazer o que a vida tem de melhor.

Mesmo sem falarmos, ouvindo só outrem falar, experimentamos uma tensão contínua, o que rouba o tempo e a energia de uma pessoa. Quando alguém não compreende, ou não se esforça, ao menos, por compreender uma coisa dita numa palavra, e quer pôr numa frase o que podia ser dito numa palavra, certamente não tem senso algum de economia; pois economizar nosso próprio dinheiro é muito menos importante do que economizar nossa vida e energia, e a vida e energia dos outros.

Por amor ao belo, á graça e ao respeito, quando se tratar de outrem, deve-se ir tão longe, mas nunca demais. Não se póde tratar do mesmo modo um amigo, um conhecido e um extranho.

Ainda aí, a questão de economia deve ser considerada,

Experimentar a tal ponto a bondade, a gentileza, a generosidade e a paciência dos outros, sem o senso da economia, poderia transformar, afinal, a experiência em desvantagem para todos.

Aquele que é bastante sensato para guardar seus próprios interesses na vida, pôde ser chamado hábil, mas aquele que zela melhor pelos interesses alheios do que pelo seu próprio, é sábio, pois, obrando assim, faz também, sem o saber, coisas em seu próprio benefício. E' o mesmo senso de economia, que se emprega em pequenas coisas, na vida quotidiana, em casa e nos negócios; o mesmo senso posto em uso de um modo mais alto, pela solicitude e consideração, torna a pessoa mais capaz de servir a outrem, o que é a religião das religiões.

IX

Depois de adquirir o apuro do caráter, dos méritos e virtudes, que são necessários na vida, a personalidade pode se tornar completa pelo despertar do sentimento de justiça. A arte da personalidade esculpe estátuas, belos modelos de arte, mas, quando o sentimento de justiça é despertado, tais estátuas adquirem vida, porque no sentimento de justiça está o segredo do desenvolvimento da alma. Todos conhecem o nome de justiça, mas raramente se pode encontrar alguém que seja realmente justo por natureza, em cujo coração tenha sido despertado o sentimento de justiça.

O que acontece geralmente é que cada um tem a pretensão de ser justo, apesar de estar longe de o ser. O desenvolvimento no senso da justiça está no desinteresse; não se pode ser justo e egoísta ao mesmo tempo. O egoísta pode ser justo, mas só para si. Ele tem sua própria lei, a lei que melhor lhe convém, que ele

pode modificar á sua vontade e a sua razão o ajudará a fazer assim, afim de servir ás próprias exigências da vida. Uma centelha de justiça póde ser encontrada em todo coração, em toda pessoa, seja qual fôr o estado de sua evolução na vida, mas aquele que ama a honestidade sopra, por assim dizer, tal centelha, tornando-a labareda, á luz da qual a vida se lhe torna mais clara.

Fala-se tanto de justiça, ha tanta discussão e tanta disputa a respeito, e no fim de tudo se encontram duas pessoas arguindo sobre certo ponto e diferindo uma da outra, pensando ambas que são justas, nenhuma delas, entretanto admitirá que a outra seja tão justa quanto ela. Aqueles que aprendem realmente a ser justos, sua primeira lição é a que Jesus Christo ensinou: — “Não julgueis, para não serdes julgados”. Pode-se perguntar: — Si não julgarmos, como aprenderemos a justiça. Mas aquele que julga a si mesmo pode conhecer a justiça; não aquele que se ocupa em julgar os outros. Nesta vida cheia de limitações, si alguém se examinar, unicamente a si mesmo, encontrará, no próprio íntimo, tantas faltas e fraquezas, e, ao tratar com outros, tanta deslealdade em si mesmo que a propria vida, para quem realmente deseje conhecer a justiça, oferecerá materia

suficiente para aprendê-la. Chega-se então na vida a um gráu de culminancia, de mais pleno desenvolvimento da alma, quando a justiça e a lealdade atingem a uma altura tal, que o individuo se torna isento de censura; nada tem a dizer contra alguém, e, si tem, é unicamente contra si próprio. Desse ponto é que se começa a vêr a justiça divina oculta por trás dessa manifestação. Isso ocorre na vida de alguém, como recompensa de cima outorgada, em sinal de confiança, uma recompensa, que é segurança dada por Deus, para distinguir tudo o que é justo e injusto, na brilhante e resplendente luz da perfeita justiça.

X

A arte da personalidade é semelhante á arte da música; requer ouvido educado e cultura da voz. Para aquele que conhece a música da vida, a arte da personalidade chega naturalmente; e é, não só inartístico, como não musical, aquele que demonstra falta dessa arte na personalidade. Quando o homem considera cada indivíduo como se fosse uma nota de música, e aprende a reconhecer si essa nota é um sustenido ou um bemol, é aguda ou grave, e a que tom pertence, então, se torna conhecedor das almas, e sabe como tratar com todos.

Nas suas próprias ações, na sua linguagem, mostra êle a arte; harmoniza-se com o ritmo da atmosfera, com o tom da pessoa, com o têmea do momento. Vir a ser apurado é tornar-se musical; é alma musical aquele que é artista na sua personalidade.

A mesma palavra, dita em diferentes tons, muda de significação. Uma palavra dita no

momento apropriado, ou contida a tempo, quando não se deve expressar, completa a música da vida.

E' uma contínua inclinação a produzir beleza o que ajuda o indivíduo no desenvolvimento da arte relativa á sua personalidade.

E' interessante como o homem se sente prontamente inclinado a aprender o polimento exterior, e como tantos indivíduos são vagarosos no desenvolver essa arte interiormente. Deve-mo-nos lembrar de que o hábito exterior não tem significado, si não fôr conduzido para o belo, por um impulso interior.

Pode-se aprender na história de Indra, rei do Paraiso, como fica Deus satisfeito com o homem. Na côrte de Indra, Gandhavas cantam e Apsaras dansam. Interpretado isto em palavras simples, quer dizer que Deus é a essência da beleza; é o Seu amôr á beleza que O faz exprimir Sua própria beleza na revelação, pois ela é o Seu desejo realizado no mundo objetivo.

E' interessante, algumas vezes, observar como as boas maneiras molestem aqueles que se orgulham das suas próprias maneiras incivis. Eles chamarão aquelas de futeis, porque o seu orgulho se ofende á vista daquilo que não alcançaram. Aquele, cuja mão não alcança a videira, diz, na sua impotencia, que "as uvas

estão verdes". E, para alguns, é demasiado belo tornar-se apurado, assim como não gostam muitos da boa música, mas ficam inteiramente satisfeitos com a música popular.

Muitos ficam até cançados com as boas maneiras, por parecerem elas estranhas á sua natureza. Assim como não é mérito ficar-se não musical, também não é sábio voltar-se contra a polidez.

Devemos apenas experimentar o belo e desenvolvê-lo, confiantes em que, no íntimo de nossa alma, a beleza e sua expressão, de qualquer fórma que seja, é sinal de desdobramento da alma.

XI

Uma atitude amistosa, expressa em pensamentos, palavras e atos simpáticos, é a coisa principal, na arte da personalidade. Ha um horizonte ilimitado para mostrar essa atitude, e, embora a personalidade esteja muito desenvolvida, nessa direção, nunca o estará demais.

Na espontaneidade, na tendencia para dar, para dar aquilo que é caro ao nosso coração, eis em que se mostra a atitude amistosa.

A vida, neste mundo, tem as suas inúmeras obrigações para com amigos e inimigos, conhecidos e estranhos. Nunca se pode fazer demasiado para se estar conciente das próprias obrigações, nesta vida, e nunca se faz de mais para cumprí-las. Fazer mais do que é devido, vai talvez além das forças de cada um; mas, fazendo cada um o que deve fazer, cumpre com o seu objetivo na vida.

A vida é uma intoxicação, e o efeito dessa intoxicação é a negligencia. As palavras hin-

dús *dharma* e *adharma*, religiosidade e irreligiosidade, significam, respectivamente, o dever de cada um na vida para tornar-se *dharma*, e a negligencia do mesmo dever, isto é, *adharma*.

Aquele que não está conciente de suas obrigações na vida, para com todos os seres, com os quais venha a ter contacto, é com efeito irreligioso.

Muitos dirão: — “Esforçámo-nos por fazer o melhor possível, mas não o sabíamos”; ou — “Não sabemos qual o nosso dever”, ou “Como chegaremos a sabermos qual é ou não é, realmente, nosso dever?”

Ninguém, neste mundo, póde ensinar qual é, ou não é, o dever de cada um. Cabe a cada alma procurar, por si mesma, tornar-se conhecedora das próprias obrigações. Quanto mais conscienciosa ela fôr, tanto mais obrigações encontrará para cumprir, e não haverá fim para elas. Em todo caso, nessa luta contínua, o que lhe póde parecer, a princípio, uma perda, será um lucro, afinal, para ela; pois se encontrará face a face com o seu Senhor, o qual está sempre vigilante.

O homem que, absorvido na intoxicação da vida, relaxa seu dever para com seu semelhante, terá certamente a vista confusa, e a mente

exausta, perante Deus. Isto não quer dizer que alguma venha a ser destituída da visão Divina; quer dizer, apenas, que a pessoa, que não aprendeu a abrir suficientemente os olhos, terá deante de si a visão de Deus, emquanto seus olhos estiverem fechados. Todas as virtudes vêm de uma larga visão na vida; toda a compreensão vem da perspicaz observação da vida. Por conseguinte, a nobreza de alma se resume na atitude ampla, que o homem toma na vida.

Aqueles que desejarem especiais informes sobre
o Movimento Sufi fundado por Inayat Khan podem
se dirigir a

SHABAZ C. BEST
Rua Julio Ottoni, 579
Santa Teresa
Rio de Janeiro

O livro brasileiro, bom e barato

ALGUMAS EDIÇÕES BRASÍLICAS

MATO GROSSO por Virgílio Corrêa Filho — Alentado vol. com ilustrações. Preço br. 10\$000.

VIDA por Mario Martins. Crônicas e estudos biográficos. Preço brochado 5\$000.

A PAZ PERPÉTUA, célebre obra de Emanuel Kant, tradução do prof. Rafael Benaion. Preço br. 3\$500.

O CAMINHO DA PAZ, pelo prof. João Cabral. Cartilha da atualidade. A esgotar-se o 3.º milheiro. Preço brochado 3\$000.

TONIO BORJA por Cordeiro de Andrade. Romance regional e psicológico.

IDADE MÉDIA, A CAVALARIA E AS CRUZADAS por Ivan Lins. O maior livro, no gênero, da atualidade. Quasi esgotado. Preço, brochado 20\$000.

O DUPLO de Otto Rank, 2.ª ed., trad. revista pelo prof. João Cabral. Preço brochado 5\$000.

A PRONÚNCIA BRASILEIRA pelo prof. Candido Jocá (filho). Curiosíssimo estudo de prosódia comparada. Preço br. 6\$000.

O HOMICÍDIO POR COMPAIXÃO por Eros de Moura. Prémio do Inst. da Ord. dos Advogados Brasileiros. Preço br. 6\$000.

O ESTRANHO VINGADOR, por Doryol Taborda, romance. COOPERATIVAS ESCOLARES, por Fábio Luz Filho, 2.ª ed., muito melhorada, atualizada e com ilustrações. Preço, br. 10\$000.

A SAIR DOS PRELOS:

O OBJETIVO DA VIDA, e outros números da coleção dos manuais de cultura moral (16) do sábio hindú Inayat Khan.

Pedidos à

COEDITORA BRASÍLICA

(Cooperativa)

Ed. Rex — Salas 704-705 — Tel. 42-3112

RIO DE JANEIRO